

SEMELFACTIVOS E OS DADOS DO PB

Andrea KNÖPFLE¹

Giovanna Mazzaro VALENZA²

RESUMO: Levantamos uma discussão a respeito dos verbos ditos semelfactivos. Nosso principal objetivo é comparar o comportamento de tais verbos em inglês com os do português brasileiro (PB). Na literatura em questão, tais eventualidades são geralmente exemplificadas com dados do inglês. Acreditamos, no entanto, que esses exemplos têm alguma diferença na forma como são apresentados em PB. Assim, levantamos a questão dos ditos verbos no que se refere aos dados do PB partindo dos dados do inglês apresentados na literatura. Procuramos, partindo das definições teóricas apresentadas, organizar o grupo dos semelfactivos e dividi-lo de acordo com seu comportamento e estrutura temporal. Isto é, procuramos dividir as eventualidades de acordo com a leitura que apresentam. Nossa preocupação, no entanto, não é dar uma nova nomenclatura de acordo com tal divisão, mesmo porque nosso objetivo é abrir a discussão para a interpretação de tais eventualidades em PB comparadas aos dados do inglês. Após a fundamentação teórica, vamos comparar os exemplos em inglês com eventualidades em português brasileiro, para então checar o comportamento de semelfactivos em PB. Serão discutidos ainda outros exemplos de eventualidades que apresentam leitura semelfactiva em PB.

PALAVRAS-CHAVE: Semelfactivos. Pontuais. Aspecto Verbal.

Introdução

De origem latina, o termo *semelfactivos* (*semel* ‘uma vez’) é frequentemente usado nas línguas eslavas referindo-se a um sufixo que indica um único evento (SMITH, 1997). Comrie (1976) distingue, no entanto, eventos desse tipo que acontecem uma única vez (semelfactivos) e ainda eventos desse

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (Linguística) da UFPR, Curitiba, PR, Brasil; deaknopfle@hotmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (Linguística) da UFPR/CNPq, Curitiba, PR, Brasil; giovanna_valenza@yahoo.com.br

tipo que ocorrem repetidas vezes em sequência (iterativos). Já Rothstein (2004, 2008a) trata uma eventualidade única como semelfactiva, e, se essa for estendida (repetida ou iterativa), terá leitura de atividade. Dini e Bertinetto (2006) aponta para uma possível divisão desses verbos, sugerindo que os e-pontuais compartilham traços com os predicados de eventos e os s-pontuais, com os predicados de estado.

Resumindo, o que Rothstein (2004, 2008a, 2008b) chama de *comportamento de semelfactivos como atividades*, Comrie (1976) chama de *iterativos*; Dini e Bertinetto (2006), de *pontuais* e Smith (1997), de *atividades de múltiplos eventos*. Parece que há mais consenso em classificar tal tipo de eventualidade quando pontual como semelfactiva. Já quando essa eventualidade pontual ocorre repetidas vezes, não. Essas diferenças de abordagem serão explicadas no decorrer da primeira e segunda partes deste trabalho.

Na primeira parte, começaremos citando as clássicas classes aspectuais vendlerianas até o surgimento da classe ou subclasse dos semelfactivos. Na segunda parte do trabalho, trataremos dos semelfactivos como subclasse aspectual segundo Rothstein (2004, 2008a, 2008b), e os confrontaremos com as eventualidades do tipo atividade e *achievement*. Terminaremos tal parte resumindo o que vem a ser o tipo de eventualidade semelfactiva e as suas diferentes ocorrências e diversidade de leituras. A terceira parte do trabalho é dedicada aos exemplos do PB.

As classes aspectuais

As classes aspectuais são também chamadas de aspecto lexical, classes acionais ou *Aktionsart* do verbo. Essas classes são entendidas em Wachowicz e Foltran (2007, p. 1-2) como “as que dizem respeito a propriedades lexicais que ou são caracterizadas por uma morfologia derivacional ou não são lexicalmente caracterizadas”. É nesse nível aspectual que está a distinção entre télico e atélico; tais noções aspectuais não se limitam ao nível lexical. Vendler (1967) indica essa não limitação ao léxico quando diz que fatores como a presença ou não de objeto também pode fazer parte da interpretação lexical.

Quanto às noções de perfectivo e imperfectivo, estas estariam relacionadas com a noção de aspecto gramatical. Nesse nível aspectual as eventualidades são vistas em termo de sua completude ou não. Wachowicz e Foltran (2007, p. 17) comparam: “as informações lexicais estão para as classes acionais dos

verbos e aos traços [\pm télico] do VP, ou para o aspecto lexical, assim como a morfologia verbal está para as leituras perfectiva vs. imperfectiva, ou para o aspecto gramatical”.

As quatro classes aspectuais vendlerianas

Ao falar sobre o conceito de tempo em verbos, Vendler (1967) chama a atenção para algo além da dependência em termos de passado, presente e futuro. Assim, para desenhar um esquema temporal, ele divide os eventos, ou eventualidades,³ em quatro classes aspectuais: atividades, estados, *accomplishments* e *achievements*, e as distingue em termos de instantes e intervalo de tempo. Essa clássica divisão em quatro classes acionais serviu de ponto de partida para linguistas estudarem as estruturas de evento, e a terminologia permanece em muitos textos.

Para a distinção das quatro classes aspectuais, usaremos as definições em Rothstein (2004), que nos parece a maneira mais didática de distinguir as classes entre si. Os *estados* são caracterizados como eventualidades totalmente homogêneas até o seu menor instante, onde cada subparte de um estado é o próprio estado. Já as *atividades* são eventualidades dinâmicas e homogêneas até intervalos mínimos, onde esses intervalos mínimos têm um determinado tamanho. Ou seja, há eventos mínimos dentro da atividade, mas não podemos dizer que qualquer instante dentro da atividade é a atividade em si. Por exemplo, na atividade *dançar valsa*, existem intervalos mínimos que ainda são *dançar valsa*, mas dar apenas um passo não significa *dançar valsa*, apesar de fazer parte dela. Os *achievements* são mudanças de estado que ocorrem instantaneamente. Ainda segundo a autora, os *accomplishments* são eventualidades complexas com certa duração, e apresentam um ponto de culminação. Os exemplos das quatro classes em (1), respectivamente: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*, são de Wachowicz e Foltran (2007):

- (1) a. Os alunos sabem matemática.
b. As crianças nadam bem.

³ Usaremos aqui o termo eventualidade, seguindo Wachowicz e Foltran (2007), a fim de evitar uma confusão terminológica. Cunhado por Bach (1986), apud Wachowicz e Foltran (2007), o termo *eventualidade* não distingue estados das outras classes aspectuais, ou seja, não faz distinção entre dinâmico e não-dinâmico.

- c. A Teresa comeu duas maçãs.
- d. A Renata perdeu a caneta.

Pontual e durativo

A noção de duratividade é contrastada com imperfectividade em Comrie (1976). A primeira diz respeito à duração e à sequência de fases dentro da estrutura interna do evento, enquanto a segunda se refere à duração da eventualidade por um certo período de tempo. Assim, ele introduz os conceitos de durativo e pontual. Pontual, então, é a situação que não dura no tempo ou então acontece momentaneamente. As situações pontuais, segundo Comrie (1976), podem ser de dois tipos: as que acontecem uma única vez e, portanto, não fazem sentido se expressas no progressivo, e as situações que acontecem repetidas vezes. As primeiras ele chamou de *semelfactivas*, e as segundas, de *iterativas*. O exemplo é com o verbo *cough* ('tossir'). No progressivo em inglês, em *he was coughing*, a interpretação possível é de que a pessoa tossiu várias vezes, e não apenas uma única vez. A diferença entre situações pontuais e *achievements* é que, para as últimas, não importa o quão devagar a situação aconteça, o intervalo de tempo é sempre zero. Como exemplo, o autor cita *John reached the summit of the mountain*. Mesmo em câmera lenta, haverá um momento antes de alcançar o topo e um momento imediatamente após alcançar o topo, mas não há um momento entre esses dois. Já nas situações pontuais, esse "momento do meio" é a situação em si.

Dini e Bertinetto (2006) também tratam da classe dos pontuais, mas como uma quinta classe. Para os autores, a classe dos verbos não-durativos deveria ser dividida em duas, *achievements* e pontuais, e esta última, subdividida em duas, e-pontuais (*event-punctuals*) e s-pontuais (*state-punctuals*). Resumindo sua teoria, os e-pontuais compartilham traços com os predicados de eventos e os s-pontuais, com os predicados de estado. A tabela a seguir mostra a classificação baseada em traços semânticos de Dini e Bertinetto (2006):

	durativo	télico	estativo
estados	+	-	+
processos	+	-	-
<i>accomplishments</i>	+	+	-
<i>achievements</i>	-	+	-
pontuais	-	-	-

Tabela 1

Para os autores, a classe dos pontuais apresenta comportamento restrito. A subclasse dos e-pontuais é aceitável quando há leitura progressiva momentânea. Utilizando exemplos do italiano, ele mostra que a sentença 2a só poderá ser expressa quando Leo estiver pulando naquele momento, e não quando estiver se preparando para o salto. Já a sentença 2b é estranha e será encontrada em contextos muito específicos (DINI; BERTINETTO, 2006, p. 11).

- (2) a. *Leo sta facendo un salto.* (‘Leo está fazendo um salto.’)
 b. *Il proiettile lo sta colpendo.* (A bala o está atingindo.)

Para os autores, tal subclasse pode apresentar também uma segunda leitura como processo. O exemplo utilizado por eles é o verbo *bussare* ‘bater’:

- (3) a. *Leo sta bussando.* (‘Leo está batendo (na porta).’)

Nesse caso, há duas leituras possíveis: ‘bater na porta uma vez’ e ‘bater na porta repetidamente’. Apesar disso, ela seria mais facilmente interpretada com sentido repetitivo, segundo os autores. Assim, podemos entender 2 e 3 como e-pontuais.

Sobre a subclasse dos s-pontuais, os exemplos apontam para o fato de que as sentenças que contêm esses verbos não são gramaticais com os progressivos. Tal ideia pode ser demonstrada pela sentença a, que não é aceita por falantes de italiano (DINI; BERTINETTO, 2006, p. 12):

- (4) a. * *Quando Leo entrò, Lia si stava stupendo/spaventando.* (‘Quando Leo entrou, Lia estava se surpreendendo/apavorando.’)

Os autores também concluem pelos dados do italiano que os verbos pontuais não são compatíveis com os advérbios *in-* e *for-* (em italiano, *in-* e *per-*), ao contrário dos verbos das outras classes aspectuais. Em 5a, há um exemplo com verbo e-pontual e, em 5b, com s-pontual (DINI; BERTINETTO, 2006, p. 14):

- (5) a. * *Leo ha battuto un colpo sul tavolo in/per cinque secondi.* ('Leo bateu violentamente na mesa em/ por cinco segundos.')
- b. * *Leo si è stupito in/per venti secondi.* ('Leo se apavorou em/por vinte segundos.')

Ao estudar esses verbos segundo a homogeneidade e a atômidade, Dini e Bertinetto (2006) concluem: admite-se que os verbos e-pontuais satisfazem a homogeneidade e têm uma parte atômica maior que o instante. Os autores chamam a atenção para o fato de que a dificuldade de alguns falantes em usar os pontuais com aspecto progressivo pode ser explicado pela dificuldade de incluir o referencial 'tempo' dentro do traço temporal maior que o instante. Nos exemplos a seguir, a aceitabilidade parcial de 6a e a completa aceitabilidade de 6b se dá pelo fato de que o traço temporal de uma bala atingindo o alvo é dificilmente maior que o instante, enquanto a explosão de uma bomba pode levar alguns segundos (DINI; BERTINETTO, 2006, p. 27-8).

- (6) a. ? *Quando entrai, il proiettile stava colpendo il bersaglio.* ('Quando entrei, a bala estava atingindo o alvo.')
- b. *Quando guardai a Nord, la casa stava spodendo.* ('Quando olhei ao Norte, a casa estava explodindo.')

Quanto ao s-pontuais (excluídos uma vez que são homogêneos), não têm parte atômica maior que o instante. O exemplo sugerido pelo autor é:

- (7) a. * *Quando entrai, Lia si stava stupendo.* ('Quando entrei, Lia estava se apavorando.')

Dini e Bertinetto (2006, p. 44-5) ainda chamam a atenção para a ambiguidade nessa classe aspectual. Verbos como *saltare* ('pular'), *starnutire* ('espirrar'),

4 *Colpo* (it.): movimento rápido e violento de um corpo contra o outro.

tossire (‘tossir’), *sparare* (‘atirar’), *battere*, *bussare* (‘bater’), *singhiozzare* (‘soluçar’), *urlare*, *gridare* (‘gritar’), *pugnalare* (‘apunhalar’) etc. têm forma homófona, denotando processo ocorrido pela repetição do evento designado pelo predicado e-pontual.

Aspecto de situação e os semelfactivos

A classe dos semelfactivos é tratada por Smith (1997) como uma classe aspectual à parte. Assim, partiremos para a teoria proposta pela autora, analisando como ela distingue os semelfactivos das outras classes aspectuais.

O aspecto de situação⁵ em Smith (1997) equivale ao aspecto lexical, ou classe acional, ou *Aktionsart* do verbo. Para esse nível aspectual, a autora divide as eventualidades em cinco classes. Ou seja, além das quatro já conhecidas classes vendlerianas, a autora coloca uma quinta classe, a dos *semelfactivos*. A distinção entre as cinco classes é feita em termos de oposição de três traços temporais binários: (i) estático x dinâmico, (ii) télico x atélico e (iii) durativo x instantâneo. A distinção estático x dinâmico divide, ou bifurca, as cinco classes, sendo que apenas os estados apresentam o traço [+ estático]. Vale dizer que todas as outras quatro classes são [+ dinâmicas]. As eventualidades com o traço [+ télico] são caracterizadas por terem um ponto final natural, ou um limite intrínseco.

Ainda segundo a autora, a noção de instantâneo é conceptual, idealizada. Isso quer dizer que, mesmo que uma situação *win the race* (‘ganhar a corrida’) possa durar milésimos de segundos, ela ainda será dita [+ instantânea]. Mesmo reconhecendo que nem todas as combinações de traços são possíveis, a autora apresenta uma tabela de traços temporais para os cinco tipos de situação (SMITH, 1997, p. 20):

situation	static	durative	telic
states	[+]	[+]	[-]
activity	[-]	[+]	[-]
accomplishment	[-]	[+]	[+]
semelfactive	[-]	[-]	[-]
achievement	[-]	[-]	[+]

Tabela 2

5 Para a autora, aspecto de ponto de vista seria o que colocamos como aspecto gramatical.

As situações semelfactivas são, então, uma quinta classe caracterizada pelos traços [- estático], [-durativo] e [- télico], ou então [+ dinâmico], [+ pontual] e [+ atélico]. A autora ainda caracteriza essa classe como eventos de um único estágio sem algum resultado ou mudança. São os tipos de eventos mais simples e consistem somente na sua ocorrência. São exemplos de semelfactivos em Smith (1997): *knock the door* e *flap the wings* ('bater na porta' e 'bater as asas'). Também são exemplos: (i) eventos corporais como *blink* ('piscar'), *cough* ('tossir'), (ii) eventos internos como *the light flicker* ('a luz piscar') e (iii) ações como *tap* ('dar tapinhas'), *peek* ('dar uma olhada rápida'), *scratch* ('arranhar', 'riscar', 'coçar'), *kick* ('dar pontapés', 'chutar'), *hammer a nail (once)* ('martelar um prego uma vez'), *pound on the table (once)* ('bater na mesa uma vez'). Vale observar que esses exemplos devem ser interpretados como eventualidades que ocorrem apenas uma vez, tanto que nos últimos dois exemplos coloca o termo *once*. A autora reforça que, apesar de esses eventos durarem frações de segundos, eles ainda são ditos instantâneos por terem um conjunto de traços gramaticais que os distingue das situações durativas.

Quando essas situações ocorrem de maneira repetitiva, ou não como eventos de apenas um estágio, Smith as classifica como *multiple-event activities* (atividades de múltiplos eventos). Tal leitura é acionada por advérbio ou outras informações, como em *Mary knocked for five minutes*, em que *for five minutes* é que daria a leitura de repetição – uma vez que não seria possível bater (à porta, por exemplo) uma vez só e essa única batida durar cinco minutos. A autora coloca, ainda, que tal leitura repetitiva parece ser tão básica quanto o evento único, de um estágio. Tais eventualidades podem ocorrer apenas uma vez, mas a tendência maior é ocorrer em sequência.

A ocorrência de eventualidades semelfactivas, então, tem restrições: não aparece em situações com ponto de vista imperfectivo e advérbios ou expressões que denotam algum tipo de duração. Traços durativos, no entanto, podem ocorrer se a eventualidade for uma atividade de múltiplos eventos.

Quanto à natureza das propriedades temporais do tipo de situação, Smith (1997) afirma que tais propriedades são intencionais e indicam como a situação se desdobra no tempo. Esse desdobramento é representado em tempos sucessivos como t_i e t_j como forma de identificar diferentes estágios na situação. Assim, para os verbos semelfactivos, temos (SMITH, 1997, p. 125):

$$\begin{array}{ccc} t_{i-1} & t_i & t_{i+1} \\ a & b & c \end{array}$$

em que (a) em t_{i-1} a situação S não ocorre; (b) em t_i é o exato momento em que o evento S ocorre e (c) em t_{i+1} a situação S não ocorre.

Semelfactivos como uma subclasse aspectual

Para Rothstein (2004), as eventualidades semelfactivas não constituem uma quinta classe, mas fazem parte da classe das atividades. As quatro classes (atividades, estados, *accomplishments* e *achievements*) são distinguidas em termos de duas propriedades aspectuais – independente ou não de encabeçarem VPs télicos ou ocorrerem naturalmente no progressivo, o que a autora classifica como $[\pm \text{estágios}]$ e $[\pm \text{télico}]$. Eventualidades *achievement* e estados não possuem estágios: os *achievements* porque são instantâneos e, portanto, não há como distinguir estágios nesse momento instantâneo; estados, apesar de suficientemente longos, não são dinâmicos e cada pedacinho de um estado é o mesmo durante toda a eventualidade, impossibilitando assim que estágios sejam reconhecidos. Assim, as atividades são caracterizadas como $[+ \text{estágio}]$ e $[- \text{télico}]$, ou seja: são dinâmicas e o VP encabeçado por elas atélico nos testes *in a time*.

Sobre a característica $[- \text{télico}]$ em atividades, esta se deve ao fato de que atividades são cumulativas, ou seja, a soma de duas atividades continua sendo uma só atividade, isto é, forma um novo evento singular (ROTHSTEIN, 2004, 2008a). Como atividades são homogêneas até eventos mínimos (e não instantes mínimos, como em estados), elas possuem a característica $[+ \text{estágio}]$, em que os estágios são reconhecidos nesses eventos mínimos onde há algum movimento ou mudança de estado.

Rothstein (2008a) faz um tipo de ajuste na definição desses dois traços, e os concebe em termos de $[\pm \text{ocorrem no progressivo}]$ e $[\pm \text{ocorrem com modificadores télicos}]$. Nesse sentido, $[+ \text{ocorrer no progressivo}]$ indica que há a possibilidade da ocorrência de estágios. Ou seja, a propriedade de aparecer no progressivo denota a possibilidade de evento estendido, e a não propriedade de aparecer no progressivo denota eventualidade (quase-) instantânea. Já a propriedade de ocorrer ou não com modificadores télicos denota um evento de mudança. Assim, apresenta a definição: “Uma mudança de β para α é um

evento cuja parte mínima inicial é o último instante i em que β vigora e cuja parte mínima final é o primeiro instante i' em que α vigora” (DOWTY 1979, ROTHSTEIN 2004, ROTHSTEIN 2008a).⁶

Isso quer dizer que as mudanças não estendidas são as instantâneas de $\neg\Phi$ para Φ (*achievements*), e as estendidas são as de β para α , onde β acarreta $\neg\alpha$ (*accomplishments*). Estados e atividades não apresentam nenhum dos dois tipos de mudança. Atividades e *accomplishments* podem ocorrer naturalmente no progressivo por apresentarem estágios em sua estrutura interna, o que não ocorre com estados e *achievements*.

Sobre as eventualidades semelfactivas, Rothstein (2004) analisa que esse tipo de eventualidade é dita pontual por ocorrer com *at a time*, como em *John coughed at 10 p.m.* Ainda segundo a autora (2004, p. 28), tais eventualidades também são ditas atéticas, pois, ao contrário de *achievements*, não parece que há uma mudança de estado explícita.

A autora ainda afirma que tal classe é um problema para o tipo de teoria apresentada até aqui: os traços binários geram quatro classes; a inclusão de mais um traço resultaria em oito classes. Considerar uma quinta classe também causaria conflito conceptual com uma teoria aspectual baseada em traços. Analisar os semelfactivos em termos dos traços [\pm estágios] e [\pm télico] os colocariam nos mesmos termos que estados: [- estágios] e [- télico]. Ou seja, esses traços são interessantes para analisar as quatro classes aspectuais, mas não necessariamente o grupo dos semelfactivos.

Os semelfactivos têm um lugar natural como o tipo de evento mínimo de uma atividade, o que indica que eles não seriam uma classe independente. Esses verbos podem se comportar como eventualidades pontuais ou como atividades. Nos exemplos a seguir (ROTHSTEIN, 2004, p. 29) comportam-se como atividades por ocorrerem *for a time* (em a e b) e no progressivo (c):

- (8) a. *John kicked the door for half an hour.*
b. *Dafna winked (furiously) for several minutes.*
c. *Mary was coughing.*

O acarretamento induzido pelo paradoxo do imperfectivo válido para atividades também é válido para semelfactivos, ou seja: *Mary was coughing*

6 “A change from β to α is an event whose minimal initial part is the last instant i at which β holds and whose minimal final part is the first instant i' at which α holds” (DOWTY 1979, ROTHSTEIN 2004, ROTHSTEIN, 2008a).

acarreta que *Mary coughed*. Assim, uma vez que atividades têm eventos mínimos e subpartes de eventos não homogêneas, a conclusão é que semelfactivos são *activities used in their minimal way* (ROTHSTEIN, 2004, p. 29).

A estrutura interna de verbos semelfactivos é distinta de eventualidades *achievement*, segundo Rothstein (2004) e ao contrário de Smith (1997). A primeira autora explica tal diferença: apesar de semelfactivos (usados em eventos únicos) serem pontuais, eles têm estrutura interna e duram algum tempo, mesmo que esse tempo seja muito curto. Ainda, semelfactivos têm trajetória e consistem em uma série de movimentos que devem ocorrer como parte do evento em si. Ou seja, há necessidade de informação a respeito de, no mínimo, dois instantes entre o ponto de início e o ponto de parada de *e*, para determinar se *e* está em *P*. Já *achievements* são eventualidades realmente (quase-) instantâneas de mudança de estado de $\neg\Phi$ para Φ .

Verbos semelfactivos podem ser transportados para predicados de atividades em uma leitura na qual o evento tem maior extensão, mas nem todos os predicados de atividades podem ter leitura semelfactiva (ROTHSTEIN, 2008a). Tal diferença pode ser intuitivamente percebida, ainda segundo a autora, nos verbos *walk* e *run*, de um lado, e *jump* e *knock*, de outro. Numa leitura de evento estendida de *jump* e *knock* percebem-se mínimas partes que são os menores eventos em *P* e que contam como eventos de *P*, uma vez que tais eventos mínimos somados são o evento estendido. Já para eventos *walk* e *run* não há como fazer tal divisão de forma não arbitrária (DOWTY, 1979, apud ROTHSTEIN, 2004).

A explicação de tal divisão de evento é feita em Rothstein (2004) por meio do mecanismo de função atômica natural. Para entender essa noção atômica ou divisão em elementos mínimos, a autora compara a noção que temos de que xícaras são unidades indivisíveis e cercas, não. Uma entidade atômica natural é aquela cuja unidade estrutural é percebida de forma saliente e dada pelo mundo (ROTHSTEIN, 2008a).

Assim, um predicado de atividade *P* denota uma série de eventos *P* que contêm um grupo de predicados mínimos, ou P_{\min} . Em um predicado semelfactivo, haverá uma função atômica natural que seleciona um grupo P_{\min} e tal P_{\min} é o conjunto atômico. Em predicados não semelfactivos, P_{\min} será um grupo singular e não um grupo atômico, que contêm entidades mínimas singulares, mas que se sobrepõem. Essa noção é reflexo da intuição de que dois eventos mínimos de *walking* podem se sobrepor, enquanto dois eventos mínimos de *jumping*, não. Dessa forma, Rothstein (2004) indica que P_{\min} é lexicalmente

acessível somente quando for caracterizado por uma função atômica natural. Isso significa que, em um predicado P que pode tanto ser atividade quanto semelfactivo, haverá ambiguidade de leitura entre P ou P_{\min} . Já em um predicado P somente com interpretação de atividade, a ambiguidade não ocorre, pois ele necessariamente denotará P (ROTHSTEIN, 2004, p. 186). Resumindo, os eventos mínimos que podem ser acessados lexicalmente são naturalmente atômicos, ou seja, têm um ponto de partida natural e um ponto final definido pela trajetória – ideia essa representada pela figura 1 (ROTHSTEIN, 2008b):

Jump:



Run:



Figura 1

Na figura 1 vemos como um evento semelfactivo estendido *jump* pode ser naturalmente dividido (em unidades atômicas). Já em um evento de atividade *run*, que não tem leitura semelfactiva, tal divisão não é natural, e, se feita, será arbitrária, pois os eventos mínimos de uma atividade não são unidades atômicas com início e final claramente definidos – por isso foi dito que tais eventos mínimos podem se sobrepor em algum momento da trajetória.

Sobre essa análise em outras línguas, Rothstein (2008a) propõe que, em línguas que possuem predicados de atividades, a distinção entre eventos mínimos e eventos derivados a partir de S-summing, bem como a restrição de que eventos que não são naturalmente atômicos não são lexicalmente acessíveis deveriam ser um traço comum nas línguas. No entanto, não há motivos para outras línguas expressarem o contraste entre eventos mínimos e eventos estendidos da mesma forma que o inglês faz.

A ambiguidade que ocorre nos semelfactivos entre a leitura única e a estendida (atividade) ainda é exemplificada em Rothstein (2004, p. 186) com os modificadores *once* e *twice* e possibilidades contáveis. Em *Dafna jumped/ skipped once/ twice*, temos a leitura de que Dafna praticou um ou dois eventos únicos de *jump*, ou então praticou um ou dois eventos estendidos de *jump*. Tal ambiguidade de leitura não ocorre em atividades que não permitem leitura semelfactiva, como *Dafna run once/ twice*, onde a única interpretação

possível é de que Dafna como agente praticou uma ou duas eventualidades de correr, cujo tamanho é definido pelo contexto. Logo, essa diferença no comportamento de *jump* e *run* é reflexo da diferença lexical entre os dois verbos e a conseqüente estrutura de eventos denotada no uso de tais verbos.

Para as nominalizações, a autora afirma que, em semelfactivos, a leitura possível é de evento único. São exemplos: *He gave a jump/ a kick/ a wink*. Já em atividades, a leitura é de evento estendido, como em *He had a walk/ a run/ a swim* (2004, p. 187). Ou seja, para essas últimas eventualidades temos uma noção de alguma duração, enquanto que, para as primeiras, a noção de tempo é pontual.

O que são semelfactivos, afinal

Os VPs que denotam eventualidades semelfactivas, em Rothstein (2004, 2008a, 2008b), são predicados usados para significar instâncias mínimas de eventualidades consideradas como atividades. São exemplos de verbos semelfactivos: *kick, knock, jump, skip, flap (its wings)*. Eles podem denotar eventos únicos e ocorrer com *at a time*, onde o momento em que o evento (pontual) inicia é por volta do tempo definido (*at a time*), e termina logo após esse tempo definido. Ou seja, o evento ocorre (inicia e termina) rodeando, cercando o tempo dado pelo modificador *at a time*, como os exemplos em Rothstein (2004, p. 184) em 9:

- (9) a. *Mary jumped at twelve o'clock.*
 b. *Mary winked at twelve o'clock to remind me to make the phone call.*
 c. *At daybreak, the bird flapped its wings.*⁷

Em eventos de leitura estendida, são homônimos com atividades em 10 (exemplos em ROTHSTEIN, 2004, p. 184) e ocorrem com *for a time*:

- (10) a. *John jumped for 10 minutes.*
 b. *Mary winked furiously for several minutes, until she caught his attention.*
 c. *He kicked the door angrily for some minutes until someone opened it.*

⁷ Os exemplos em inglês serão retomados no item 3, com as traduções e interpretação das eventualidades em PB.

Segundo Rothstein (2004), semelfactivos ainda podem ter a leitura de intervalo de tempo, uma vez que aparecem no progressivo em 11 (2004, p. 184). Vale notar que tal leitura é dependente de [*when I came in*].

(11) a. *John was just jumping/ kicking the door when I came in.*

Semelfactivos ainda ocorrem em *in a time*, como evidência de telicidade em 12 (2004, p. 185):

(12) a. *John jumped in three seconds.*
b. *The bird flapped its wings in an instant.*

Ainda segundo a autora, esses predicados parecem ser ambíguos entre atelicidade na leitura de atividade em 10 e telicidade nos exemplos 9, 11 e 12.

O modificador *again and again* pode alterar tanto o evento único quanto a leitura estendida (atividade). A leitura semelfactiva em *She jumped again and again* pode ser parafraseada na leitura estendida em *She jumped for several minutes* (ROTHSTEIN, 2008a, p. 187). Assim, estamos falando de uma subclasse de verbos de atividade, que apresentam comportamentos específicos descritos nas definições e exemplos acima.

Semelfactivos e os verbos do PB

Os exemplos até agora foram todos em inglês ou italiano, de forma que as definições e explicações para tais eventualidades cabem para esses exemplos nessas línguas. A proposta, neste item, é analisar os exemplos do inglês em PB, e tentar perceber em que contexto ocorrem. Ou seja, pretendemos analisar a estrutura interna de eventualidades semelfactivas em PB e checar sua similaridade ou não com os equivalentes em inglês. Vale lembrar que partiremos das noções teóricas em Rothstein (2004, 2008a, 2008b) no que se refere aos verbos (ou uso de verbos) semelfactivos. Assim, vamos considerar os mesmos como subclasse de atividades.

Partindo do inglês, os verbos semelfactivos têm leitura pontual (evento único, com *at a time*), leitura estendida (homônimos com atividades, com *for a time*), com intervalo de tempo (no progressivo) e ainda como evidência de telicidade (com *in a time*). Acreditamos ser pertinente subdividir nossos

exemplos em dois grupos: (i) as eventualidades pontuais e (ii) as eventualidades que denotam um conjunto de eventos únicos. Essa classificação entre pontual e não pontual está partindo da análise das eventualidades em inglês; isso não quer dizer que seja assim também em português. Veremos caso a caso.

Dentro das eventualidades pontuais, ou semelfactivos propriamente ditos, temos a possibilidade de ocorrência do modificador *at a time* e *in a time*. No primeiro caso (*at a time*), esse indica o momento exato em que a eventualidade semelfactiva ocorreu. Aqui entram os verbos: *kick* ('chutar'), *knock* ('bater'), *jump* ('saltar'), *skip* ('pular'), *flap its wings* ('bater as asas'), *wink* ('piscar'). Vejamos os exemplos 13, traduzidos de 9 (incluímos o verbo 'saltar' em 13a):

- (13) a. Mary pulou/saltou às doze horas.
 b. Mary acenou para mim às doze horas para lembrar-me...
 c. Ao amanhecer, o pássaro bateu suas asas.

Em 13a temos uma leitura pontual, mas em 13b e c podemos não ter somente tal leitura. Na eventualidade *acenou para mim às 12 horas*, podemos falar de um único aceno, como também de vários acenos consecutivos dentro do tempo *às doze horas*. O mesmo vale para 'bater asas'. Para deixar essas eventualidades com leitura única (somente) podemos tentar quantificá-las, como em 14:

- (14) a. Mary acenou para mim uma vez às doze horas.
 b. Ao amanhecer, o pássaro bateu suas asas uma única vez.

Outras eventualidades que se encaixam como tendo leitura única, em inglês com *at a time*, seriam *kick* ('chutar') e *knock* ('bater'). Vejamos como ficam em português:

- (15) a. Eu bati à sua porta ao meio-dia.
 b. O menino chutou a bola.

Em 15b, a leitura é claramente pontual, mas em 15a, essa pode ter leitura estendida também. Assim como em 14, a quantificação elimina

a ambiguidade: *Eu bati à sua porta ao meio-dia, uma única vez*. Mas o que dizer, em termos de quantificação, dos exemplos 16a e 16b?

- (16) a. Eu bati à sua porta três vezes ao meio dia.
b. Mary acenou duas vezes para mim às doze horas.

Acreditamos que os exemplos em 16 podem ter tanto a leitura de três batidas ou dois acenos, como também três grupos (*sets*) de batidas ou dois grupos (*sets*) de acenos. Assim, não são todos os verbos que em português têm apenas leitura pontual com o modificador *at a time*. Quanto à *blink* ('piscar') e *cough* ('tossir'), esses têm leitura pontual em 17a e 17b:

- (17) a. Ele piscou pra mim ao meio dia.
b. Ele tossiu ao meio dia.

Com o modificador *in a time*, este indica a duração de uma (única) eventualidade semelfactiva. Vale lembrar que tal eventualidade, mesmo dita pontual, tem uma estrutura interna e, portanto, dura algum tempo, mesmo que esse tempo seja "curto". Vejamos os exemplos 12 traduzidos aqui em 18:

- (18) a. John pulou/saltou em três segundos.
b. O pássaro bateu suas asas em um instante.

Em 18a, a leitura é pontual. Mas em 18b, fica a dúvida em ter eventualidade pontual ou um grupo (*set*) de batidas de asas, mesmo que em um instante – basta pensar num beija-flor que bateu suas asas em um instante.

Usando o diagrama em Rothstein (2008b), uma eventualidade semelfactiva propriamente dita, única, seria então a seleção de um evento pontual de uma leitura estendida, aqui destacado pelo círculo pontilhado na figura 2:

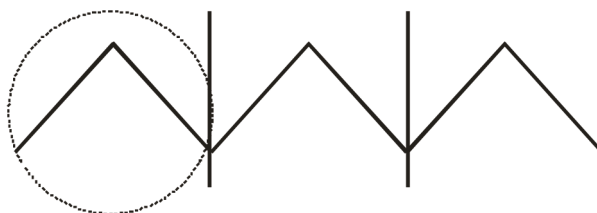


Figura 2

Já as eventualidades não unicamente pontuais são as semelfactivas homônimas com atividades e as estendidas. Estas tanto acontecem no progressivo, quanto com o modificador *for a time*. Vejamos 19 (exemplos em 10 traduzidos para o português):

- (19) a. John pulou/ ?saltou/ saltitou por 10 minutos.
 b. Mary acenou furiosamente por alguns minutos, até conseguir sua atenção.
 c. Ele chutou a porta bravamente por alguns minutos até que alguém a abriu.

Em 19a parece que fica claro que em ‘pulou’ e em ‘saltitou’ estamos falando de eventualidades semelfactivas homônimas com atividades, isto é, vários “pulos” e “saltos” consecutivos formando uma atividade. Parece, ainda, que o verbo ‘saltou’ poderia representar um único evento, por isso a estranheza, já que não condiz com a realidade de mundo um único salto de dez minutos. Nesse caso, ‘saltitar’ parece mais adequado, inclusive porque esse verbo denota uma eventualidade estendida, ou seja, seria estranho dizer que alguém saltitou apenas uma vez.

O progressivo com ideia de intervalo de tempo em 11 ficaria em português como mostra o exemplo 20:

- (20) a. John estava pulando/ batendo à porta quando eu entrei.

O progressivo, também em português, para o exemplo acima, parece dar a ideia de evento estendido. Vejamos mais exemplos em 21:

- (21) a. Maria estava tossindo durante toda a palestra.
 b. Ele ficou piscando para mim até que eu o notasse.

Em 21a temos a leitura de que Maria tossiu continuamente durante toda palestra, ou então que deu vários grupos de tossidas contínuas (em cada grupo). Acreditamos que se a ideia fosse enumerar várias tossidas, enquanto eventos não contínuos, diríamos que *Maria tossiu várias vezes durante a palestra*. Já em 21b, parece estranho pensar em alguém piscando continuamente, numa sequência única de várias piscadas, a não ser que tivesse um cisco no olho ou coisa parecida. A leitura mais natural parece ser vários eventos únicos de piscar, mas não que eles formem um contínuo. O diagrama para a eventualidade 21a,

enquanto grupos de eventualidades contínuas, poderia ser representado na figura 3 (com base em nossa interpretação de Rothstein (2008b):



Figura 3

O exemplo 21b, com a leitura de várias eventualidades de ‘ piscar’, mas que não formam uma eventualidade contínua ou estendida, seria representado pela figura 4:



Figura 4

Lendo o diagrama, percebemos que ele piscou uma vez, depois mais uma vez e, ainda, uma última vez. Essas piscadas estão na mesma eventualidade, mas não são contínuas.

No que se refere ao modificador: *again and again*, este, em inglês, pode modificar tanto o evento único quanto a leitura estendida (atividade). A leitura semelfactiva em *She jumped again and again* pode ser interpretada na leitura estendida: *She jumped for several minutes*. Vejamos em português:

- (22) a. Ela pulou/ saltou de novo e de novo/ mais uma vez e mais uma vez.
 b. Ela pulou/ saltou por vários minutos.

Em português, não nos parece que podemos inferir 22b a partir de 22a, isto é, parece que pular e saltar são eventos únicos que foram repetidos (22a), mas que não implicam dizer que formam a leitura estendida (22b).

Como vimos em 3.1, os exemplos em português não se comportam exatamente da mesma forma que os do inglês. Nesta seção buscaremos definir o que entendemos por eventualidades semelfactivas e apresentar uma breve classificação dos verbos em português dentro dessa definição.

Estamos tratando de eventualidades, e não somente de verbos em si, isto porque, em muitos casos, é todo o VP que dá a leitura semelfactiva.

Consideramos eventualidades semelfactivas como um subgrupo de atividades que ocorrem com duas leituras: (i) eventos únicos (com leitura pontual) e (ii) eventos estendidos. Por evento único entendemos um evento pontual com curta duração (figura 5):⁸



João saltou da ponte.

Figura 5

Por evento estendido entendemos um grupo de eventos pontuais que dão a leitura estendida com uma maior duração (figura 6):



A criança saltitou de alegria.

Figura 6

O evento único de 5 pode ser repetido. Vale notar que “repetido”, no nosso entendimento, é diferente de “estendido”. O evento repetido é constituído de eventos únicos que acontecem mais de uma vez, mas que não formam necessariamente um único grupo, como mostra a figura 7.



João saltou várias vezes da ponte.

Figura 7

Ainda, um evento estendido (de leitura não pontual) pode ser repetido (figura 8):



A criança saltitou várias vezes de alegria.

Figura 8

⁸ Continuaremos utilizando os diagramas baseados em Rothstein (2008b). Acrescentamos aqui exemplos do PB ilustrados pelos diagramas.

Resumindo, um evento único (atividade pontual) pode ser repetido, assim como um evento estendido também pode ser repetido.

Dependendo da eventualidade, a leitura pode ser tanto pontual como estendida. Vamos também considerar modificadores que restringem a leitura para ou pontual ou durativa. Vale lembrar que analisaremos todo o VP.

Com o verbo [bater], este pode ter leitura tanto única como estendida. Em 23a parece que [bater à porta] teria uma leitura estendida, enquanto [bater na porta] teria leitura pontual. Em 23b, mesmo com o quantificador [três vezes], podemos fazer a mesma leitura de 23a, ou seja, [João bateu à porta três vezes] teria leitura de três grupos de batidas; em [João bateu na porta três vezes] seriam três batidas únicas. Para 23c, parece que podemos fazer a mesma leitura de 23a. Já em 23d, devido ao modificador [por cinco minutos], parece que a leitura mais aceitável é a de evento estendido, pois não é possível bater uma única vez na porta por cinco minutos.

- (23) a. João bateu à/ na porta.
b. João bateu à/ na porta três vezes.
c. João bateu à/ na porta ao meio-dia.
d. João bateu à/ na porta por cinco minutos.

Esse tipo de leitura pode ser estendida ao verbo [tossir], pois pode haver uma única tossida ou um grupo de tossidas. Esse grupo de tossidas pode ocorrer mais de uma vez. O verbo [piscar] também pode se encaixar nesse grupo, já que é possível dar uma única piscada em [Maria piscou para o João] ou um grupo de piscadas em [Maria piscou por 30 segundos por causa de um cisco]. Outro verbo que permite ambas as leituras é [acenar], pois podemos fazer um único gesto [um aceno] ou vários movimentos em leitura estendida.

Parece que o VP [bater as asas] também se comporta dessa maneira.

- (24) a. O pássaro bateu as asas três vezes.
b. O pássaro bateu as asas ao meio-dia.
c. O pássaro bateu as asas por cinco minutos.
d. ? O pássaro bateu as asas uma única vez.

Em 24a, podemos ter tanto a leitura de evento único repetido três vezes quanto de evento estendido, com duração de “três vezes”. Em b e c, a leitura

é somente estendida. Já 24d poderia ter leitura de evento único numa situação em que o pássaro está para morrer e bate suas asas pela última vez.

Em PB, parece que há VPs que permitem apenas leitura única. É o caso de [saltar] e [chutar] nos exemplos 25a, b e c. O exemplo 25d é agramatical na leitura de evento único. Se a leitura for de eventos que se repetem, não se trata então de grupos de saltos ou chutes, mas sim de eventos únicos de [saltar] ou [chutar] consecutivos. No progressivo, em 25e, a leitura pode ser tanto pontual como [João estava prestes a saltar] ou [João estava prestes a chutar a bola].

- (25) a. João saltou/ chutou a bola.
 b. João saltou/ chutou a bola três vezes.
 c. João saltou/ chutou a bola ao meio-dia.
 d. * João saltou/ chutou a bola por cinco minutos.
 e. João estava saltando/ chutando a bola quando o sino tocou.

Por outro lado, há verbos como [saltitar] e [aplaudir] que parecem permitir somente leitura de evento estendido.

- (26) a. A plateia aplaudiu uma única vez.
 b. A criança saltitou uma única vez.

Mesmo com o modificador uma única vez, a leitura possível é de evento estendido. Ficaria estranho imaginar o uso de [aplaudir] ou [saltitar] para evento único.

Assim, os dados do português não se comportam necessariamente da mesma forma que os do inglês, em termos de interpretação pontual (semelfactiva) x estendida (semelfactiva homônima com atividade). Vale, então, analisar caso e caso e ver a leitura que o PB oferece da estrutura interna do evento.

Considerações finais

O estatuto dos verbos semelfactivos, ou pontuais, não é unanimidade entre os linguistas. No que se refere aos dados do PB, parece que nenhum estudo aprofundado ainda foi realizado sobre tais verbos e sua interpretação.

Buscamos, então, primeiro realizar uma breve retrospectiva teórica

sobre o assunto, partindo das quatro classes aspectuais vendlerianas. Passamos então às noções aspectuais em Comrie (1976) e Dini e Bertinetto (2006). Esses últimos apresentam a classe dos verbos pontuais (semelfactivos) é apresentada como uma quinta classe aspectual. Smith (1997) também considera os semelfactivos como uma quinta classe aspectual. Essa classificação, no entanto, não é consenso na literatura. O que se admite é que estamos falando de tipos de eventualidades que parecem não se encaixar perfeitamente, ou pelo menos não diretamente, em uma das quatro tradicionais classes aspectuais.

Apresentamos, então, as noções encontradas em Rothstein (2004, 2008a, 2008b) sobre aspecto e os verbos semelfactivos, ou pontuais, bem como as suas leituras em eventualidades estendidas.

Após verificarmos o comportamento desses verbos em outros idiomas (italiano e sobretudo em inglês), comparamos os exemplos em inglês com PB. Junto com a tradução, procuramos fazer uma interpretação da estrutura temporal das eventualidades em PB para checar seus comportamentos em relação ao inglês.

Após essa verificação, definimos o estatuto de semelfactivos e enquadrámos alguns exemplos do PB dentro dessa definição. Pudemos verificar que a leitura dos VPs em PB é diferente do inglês.

Nossa tentativa foi de iniciar a discussão, observando, com poucos exemplos do PB, que tais verbos apresentam algumas diferenças se comparados aos dados do inglês.

Agradecimentos: A Teresa Wachowicz e Maria José Foltran, pelo incentivo a escrever este artigo, e a Roberlei Alves Bertucci, pela leitura e observações pertinentes.

KNÖPFLE, Andrea; VALENZA, Giovanna Mazzaro. Semelfactives and Brazilian Portuguese data. *Revista do Gel*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 116-138, 2010.

ABSTRACT: *In this work, we raise a discussion about the so called semelfactive verbs. Our main purpose is to compare the behavior of such verbs in English against Brazilian Portuguese (BP). Literature up to this date illustrates these events using data from English. We believe, however, that these English examples once translated to BP are different in the way they are interpreted. We therefore start by analyzing the data in English. Supported by the theoretical approach presented in this paper, we organized the data and divided it in groups, according to their temporal structure. Our concern, however, is not to propose a new classification for the eventualities, since our goal is to open the discussion about*

the interpretation of the BP data compared to the English data. Afterwards we compare the examples in English with eventualities in Brazilian Portuguese, in order to check the semelfactives' behavior in PB. Other examples of eventualities which have semelfactive reading in PB will also be discussed.

KEYWORDS: *Semelfactive. Punctual. Verbal Aspect.*

Referências

COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

DINI, L.; BERTINETTO, P. M. **Punctual verbs and the linguistic ontology of events**. 2006. Disponível em: <citeseer.ist.psu.edu/135080.html>. Acesso em: 26 fev. 2009.

ROTHSTEIN, S. **Structuring events: a study in the semantics of lexical aspects**. Oxford: Blackwell, 2004.

_____. Two puzzles for a theory of lexical aspect: the case of semelfactives and degree adverbials. In: DÖLLING, J.; HEYDE-ZYBATOWAND, T.; SHAEFER, M. (Eds.) **Event Structures in Linguistic Form and Interpretation**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008a. p. 175-198. Disponível em: <<http://faculty.biu.ac.il/~rothss/rothstein%20-%20leipzig%20events%20paper.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2009.

_____. **Aspect in the nominal and verbal domain: atomicity and homogeneity revisited**. Curso ministrado na Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 01-15 nov. 2008b.

SMITH, C. S. **The parameter of aspect**. 2. ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997.

VENDLER, Z. **Linguistics in philosophy**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.

WACHOWICZ, T. C.; FOLTRAN, M. J. G. D. Sobre a noção de aspecto. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, p. 211-232, 2007.